

HISTÓRIA DA GRAFIA DA LÍNGUA XAVANTE

Georg Lachnitt

Para comentar a história do esforço de transcrever a língua Xavante num sistema gráfico, que tem por base o alfabeto universal, sirvo-me dos textos produzidos pelos dois grupos que nisso se empenharam, a saber, o “Summer Institute of Linguistics” (SIL), presente no Brasil com a denominação atual de “Sociedade Internacional de Lingüística”, e a “Missão Salesiana de Mato Grosso” (MSMT), hoje continuando suas pesquisas na “Universidade Católica Dom Bosco” (UCDB). Ambas as entidades produziram também estudos de pesquisa lingüística, valiosos para pesquisas posteriores. Ambas as entidades tiveram o cuidado de sempre contar com informantes indígenas, para garantir a procedência de suas pesquisas.

I. SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS (SIL)

O SIL começou suas atividades de pesquisa da língua Xavante em 1958, na aldeia Simões Lopes. A equipe começou com Eunice Burgess e Ruth McLeod. Em 1960, Joan Hall entrou na equipe, sendo que Eunice Burgess se retirou em 1962. Em 1973, Valerie Mitchell

enriqueceu a equipe. De um documento de 1971¹, citamos um texto, em que podemos constatar o seguinte alfabeto utilizado.

a, aa (longo), ã, â (ö)

b

d

e (aberto), ee (longo), ê (fechado), ã, ãã (longo)

h

i, ii (longo), ã, ãã (longo)

j /dz/

k (glottal stop)

m

n, nh

o (aberto), oo (longo), ô (fechado)

p

r

s /ts/

t

u

v

y

¹ *Jesu Cristo vasuku vãã na, Marcosi tãã dama Kãropkuiere nakrata wasuku.* (O Evangelho segundo Marcos, na língua Xavãnte). Publicação da Imprensa Bíblica Brasileira, 1971.

Um exemplo:

“Kaibâ vasuku, va ja kaima vasuku jakraa vaakva. Kĩĩvaapari pêsê jakraa vaakaba ja. Kaibââ hã, tiburu kãma, ma tô romnhamarê têtê kaakrê, tikai hãibãdã va. Romnhamarê, ma tô, têtê kanhamrma mono sina, têtê kaakrê. Romnhamarê têtê kanhaamra mono vamhã, ma tô kumroo na tivi rêrêkê, bãdããdi na. Taha jô, ma tô sii hã vê sisaakrê. Ma tô têtê sivi kuprosi, bãdããdi na, kãsimikvara monoo hã, kakuireivii hã”².

Este esforço teve por base diversos estudos de análise da língua Xavante, com rigor científico, entre os quais podemos citar, por exemplo, Ruth MCLEOD, *Xavãnte Grammar*, 1960; Ruth MCLEOD, *Xavãnte Clause and Sentence Structure*, 1961; Eunice BURGESS, *Xavãnte Hyperplonemas*; Eunice BURGESS, *Lenght and Stress in Xavãnte*, 1967; Joan HALL, *Xavãnte Noun Phrases and Morpheme Classes*, 1961.

Desde 1972, dentro da coleção *Damreme nhoreje*, constatamos uma pequena modificação, quanto ao modo anterior de escrever.

Substitui-se o “v” pelo “w”.

Omite-se o “k” (glottal stop) entre vogais e o mesmo “k” antes de R e W, onde é substituído por ‘ (apóstrofo).

Um exemplo:

“Mara re, tê ja piõ hã, têtê sada wamr, ja’ra, ãwanoõ jô ropêsê da. Ujã tê ja sada roo ja’ra oio. Tê ha oto têtê

² *Jesu Cristo vasuku vëẽ na, Marcosi têtê dama Kĩropkãiere nakrata wasuku.*(O Evangelho segundo Marcos, na língua Xavãnte), p. 32.

*saju, ae hã. Tê ja tijarõtõ ja'ra, ïwano hã. Tê ja siwi waibu oto aihñi, simani ja'ra õ umnhasi tê. Tê ja têtê sapuu oto. Têtê sapuu mono parimhã, tê ja têtê sôu oto*³.

Este sistema elaborado de escrever a língua Xavante foi registrado na FUNAI, em 06 de julho de 1972.

II. MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

O primeiro contato com os Xavante falhou com a morte dos padres João Fuchs e Pedro Sacilotti, pelos Xavante, em 1934. Em 1937, uma nova equipe, chefiada pelo P. Hipólito Chovelon, conseguiu fazer contatos amigáveis, que, porém, não foram efetivados, devido à ação de Bandeiras na região do Rio das Mortes. Em 1953, os Xavante se aproximaram da residência de Santa Terezinha, onde ficaram até 1961, quando, após uma guerra com um grupo inimigo, se afastaram definitivamente.

Assim sendo, as pesquisas lúnguísticas consistentes foram concretizadas em Sangradouro e São Marcos, desde 1957. De uma coleção de palavras⁴ e de uma cartilha⁵ de 1959, entre outros textos produzidos, podemos extrair os elementos básicos de como os missionários, entre os quais Ângelo Jayme Venturelli, Adalberto Heide, Pedro Gawlik se empenharam em escrever a língua Xavante.

³ SIL. Damreme nhoreje 6, 1972, p. 5.

⁴ Coleção sem título e sem autor declarado.

⁵ Bartolomeu GIACCARIA. *Cartilha para uso dos Xavantes das margens do Rio das Mortes*, 1959.

a, ã

b

č, c (com e, i), ç (com a, o, u)

d, dj

e, è (aberto), é (aberto com acento tônico), ê (parece não existir), ã

h

i, ã

j

m

n, ã

o, ô (fechado), õ, ö

p

r

s

š

t

u,

v

w

z

‘ (glottal stop, entre vogais)

y (semi-vogal)

O acento grave (`) torna-se agudo (´) quando assume também a função de acento tônico; por exemplo: saprí da, sabú da.

Um exemplo:

“Ê momo iprédu hã? - Mé! - Ê hõmono betê? - Ìhe, aihini
te dja áibare. Ê píõ dzama? - Marê di, áibö či - Ê mâri
dja ãwirí dja rawa wa? - Ê áihö beté?”⁶.

Até a impressão da Cartilha Xavante Romhuriñihötö na ‘ratadzè⁷, de 1976, podemos constatar umas pequenas alterações na grafia, como as seguintes.

‘ (glottal stop) entre vogais não assumido, mas presente antes de ‘r e ‘w

“v” substituído por “w”

“dj” substituído por “dz”

“č” e “š” substituídos por “ts”

o (aberto e fechado, sem diacrítico)

ü (como na palavra ãtsürüre)

Um exemplo:

“E marĩ dzo te aymo? Bö dzo wa mo. E aymro dzèma?
Ma, ãmro morĩ õdi. Te dza ti‘ra ‘madö, idzo. Mo oto
aymorĩ, we duri tsuu dza. Aödza, wa dza to we duri tsuu.
Te tsomo. Te we tidu. Timro ma, te tsa‘ra, te te uwari da”⁸.

⁶ Aúwè romhúriñihödö - Cartilha para uso dos Xavantes das margens do Rio das Mortes, p. 44

⁷ Darci GEROMEL e Bartolomeu GIACCARIA (orientadores). Romhuriñihötö na ‘ratadzè - Cartilha Xavante, MSMT, 1976.

⁸ Darci GEROMEL e Bartolomeu GIACCARIA (orientadores). Romhuriñihötö na ‘ratadzè - Cartilha Xavante, p. 20.

III. UNIFICAÇÃO

Diante da divergência nas normas de escrever a mesma língua do povo Xavante, tornou-se necessária a unificação dos mesmos critérios. A FUNAI convocou um encontro com ampla participação: técnicos da FUNAI, membros do Summer Institute of Linguistics (SIL), do Museu Nacional, da Missão Salesiana de Mato Grosso (MSMT) e Caciques Xavante de Sangradouro e São Marcos e de representantes do PIN Culuene e de Marechal Rondon. Este foi realizado em São Marcos, de 28/06 a 03/07 de 1976⁹.

Joan Hall ainda oferece esclarecimentos de como foram tomadas as decisões naquele encontro.

*“Os representantes (indígenas) participaram efetivamente em todas as discussões. Embora houve uma certa pressão na parte dos membros da comunidade hospedeira por constituírem eles a maioria, todos os participantes, tanto os Xavante como também os representantes dos outros órgãos, participaram nas discussões. Fizeram representações a favor, ou não, das mudanças sugeridas. As reuniões foram moderadas por uma lingüista do Museu Nacional e as decisões foram tomadas livremente sem serem forçados por um ou outro elemento”*¹⁰.

Na verdade, o acordo regeu-se menos por critérios lingüísticos, mas por concessões feitas reciprocamente. Joan Hall

⁹ Cf. Joan HALL. *Observações e Sugestões sobre a Grafia Xavante em Relação às Comunidades Xavante do PIN Culuene em julho 1988/1994*, p. 1.

¹⁰ *Ibidem*, p. 3, III, 02.

apresentou uma tabela comparativa das modificações sofridas em cada um dos dois sistemas existentes e o resultado da unificação¹¹.

A grafia utilizada no PIN Culuene e no PIN Mal. Rondon	Modificações adotadas	A grafia utilizada em São Marcos e Sangradouro	A grafia unificada:
a		a	a
â	ö	ö	ö
ã		ã	ã
b		b	b
d		d	d
e	é	è	é
ê	e	e	e
ẽ		ẽ	ẽ
h		h	h
i		i	i
ĩ		ĩ	ĩ
j	dz	dz	dz
m		m	m
n		n	n
nh	nh	ñ	nh

¹¹ Ibidem, p. 5.

o	o	ò	o
ô		ô	ô
õ		õ	õ
p		p	p
r		r	r
s	ts	ts	ts
t		t	t
u		u	u
w		w	w
y	y	ÿ	y
ai	ai	ay	ai
ei	ei	ey	ei
oi	oi	oy	oi
ui	ui	uy	ui

(Além dos símbolos acima discriminados existe, na língua xavante, o oclusivo glotal, simbolizado por apóstrofo). Até aqui a tabela de Joan Hall, que ilustra o resultado final da discussão sobre a unificação da grafia da língua Xavante. A seguir, a mesma lingüística descreve detalhadamente as razões e as conveniências de cada uma das modificações adotadas, interessante para o pesquisador lingüista¹².

¹² Cf. *Ibidem*, p. 5-7.

Os critérios conveniados e homologados pela FUNAI encontram-se ainda descritos em *Aspectos da língua Xavánte*, publicados já em 1977 pelo SIL¹³. Nesta publicação, na p. 7, podemos ver descritos os fonemas do Xavánte e os mesmos símbolos da grafia unificada.

CONSOANTES

Som Símbolo

p p

t t

ʔ ‘

b b

d d

č ts

ǰ dz

ř r

w w

h h

m m

n n

ñ nh

A nasalização é indicada nas vogais “a”, “e”, “i”, “o”.

¹³ Ruth MCLEOD; Valerie MICHELL. *Aspectos da língua Xavánte*, 1977, 2. ed. 1978, 3. ed. 1980.

VOGAIS

Som Símbolo

i i

e e

ɛ é

a a

o o

o ô

u u

ɨ y

ë ö

ẽ ē

ĩ ã

ã ã

õ õ

As vogais após m, n, mr, nh, sempre nasalizadas, dispensam o til.

Um exemplo:

“Ãne, te a‘uwẽ uptabi norĩ hã, Goias ãma ‘re hõimana dza‘ra, rowẽ na hã. Tame, rowẽ na ‘re hõimana dza‘ra mono ré, ma te waradzu hã ãtẽme hã aihutu.

Ãne, a‘uwẽ norĩ hã, waradzu me ‘re tsitsõpõtẽ dza‘ra monomhã, te waradzu me hã ‘re tsi‘wapé.

*Ãne wa, te we a'uwẽ norĩ hã dama tsi'ré, we pi'reba Marãiwawẽ u hã. Tadza hã, waradzu hã, te we tô ãtsarina 're nomro u 'ötsi, ãtsi 'ẽ dza'ra na hã'*¹⁴.

Os lingüistas do SIL, para fins de clareza, representam o “ĩ” (longo), da primeira pessoa, por “ĩĩ”, em “Aspectos da língua Xavante”, ou então sublinham o “ĩ”, quando longo. Este procedimento não costuma ser adotado pelos membros da MSMT.

Um exemplo:

“E marĩ dzô te we aimo. Te atsabu da, wa we mo. E te dza ãpawapto. ãhe. Wa dza aipawapto. E ãhã na, te dza ãpawapto. ãhe. ãhã na, wa dza aipawapto”.

Outro exemplo:

*“Tô ta, tô ta. Wa dza aima watsu'u wa'wa. Wa dza aima watsu'u wa'wa unhamana. Unhamana, te natsi ãma abdzebre ni. Te natsi ãma abdzebre ni. Te ãdzadawa uwati petse ni aré, te rowatsu'u tô da, te dawatsu'u tô da”*¹⁵.

IV. UMA NOVA PROPOSTA

Lendo o estudo de Thereza Martha Borges Presotti, “A Educação Escolar Indígena e a Etno-história: uma experiência em construção junto aos Xavante do Rio das Mortes - Aldeia Pimentel

¹⁴ Georg LACHNITT. *Estudos Sociais - História - Cultura*, MSMT-UCDB, 1996, p. 7.

¹⁵ VV.AA. *Dahi'rata nhimirowatsu'u - Duréi watsu'u - Histórias Antigas do Povo Xavante*, p. 10.

Barbosa (Eteniritipá), Caçula e Tanguro”¹⁶, somos postos ao par de um novo esforço de procurar um alfabeto e uma escrita de um grupo de Xavante residente em três aldeias na A.I. Pimentel Barbosa, com um total de aproximadamente 550 pessoas. Este esforço, solidamente justificado teoricamente nas páginas anteriores, mereceria todo aplauso em si, não fosse sua vontade explícita de ser uma “*escrita, que se diferencia da escrita e ‘jeito de falar’ dos Xavante das escolas sob a coordenação da missão dos padres, salpicados nas aldeias São Marcos, Sangradouro, e outras*”¹⁷.

Os esforços acima descritos pela unificação estão sendo invertidos explicitamente neste novo trabalho. O esforço de facilitar a comunicação e intercomunicação das muitas aldeias pela unificação da escrita está sendo aqui trabalhada para uma divisão de um mesmo povo unido pela escrita, até esse momento. Pouco vale a justificativa de que as diferenças seriam tão poucas que não dificultariam a comunicação. As poucas diferenças existentes nos dois sistemas anteriores foram justamente superadas pela unificação promovida pela FUNAI. Aliás, como mostram os relatos acima, é demais atribuir a escrita aos padres e suas aldeias, quando é patrimônio de quase todos os Xavante, homologado pela FUNAI em 1976.

O esforço do grupo pesquisador, como não poderia ser diferente, sofre as contingências de um trabalho inicial. Poder-se-ia registrar, por exemplo:

– A escrita unificada pretende manter ligação com a escrita da língua

¹⁶ Cf. Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso - CEI/MT. *Urucum, Jenipapo e Giz - a educação escolar indígena em debate*. SEDUC, Cuiabá, 1997, p. 203-214.

¹⁷ *Ibidem*, p. 210.

portuguesa, língua referencial hoje para todo o povo Xavante, pois é a segunda língua nas escolas. Portanto, toma do português o que há de comum às duas línguas e afirma a diferença nos poucos elementos típicos do Xavante. Por isso, abandonou-se o “ñ”, próprio da língua espanhola, e se optou pelo “nh”. Por isso, optou-se por distinguir o “s” do português do “ts” da língua Xavante. Talvez a aproximação dialetal daquelas três aldeias já tenham “contaminado” a pronúncia original.

– Os pesquisadores ainda não distinguiram entre elevações da voz e acentos tônicos das palavras.

– Como sabemos, na língua Xavante o acento tônico é variável, dependendo das conexões dos diversos termos da oração. Isto não representa dificuldade para o leitor indígena. No sistema unificado, restringiu-se o acento apenas à função fonética. Como distinguir as duas funções na nova proposta?

– A rigor, a aldeia Pimentel Barbosa se chama “Êtênhiritipa”, e não “Eteniritipa”.

– É preciso distinguir nitidamente, na nova proposta, os fonemas, descritos na ortografia unificada como “e” (e fechado), “é” (e aberto), “ẽ” (e nasalizado) e “ö” (um som que se localiza entre “e”, “a” e “o”).

– Nas palavras “watebreimi”, “airepudu”, “riteiwá”, precisaria frisar alguns fonemas relevantes, designados na escrita unificada por um apóstrofo. Vejam: “‘watébrémi”, “ai‘repudu”, “‘ritéi‘wa”.

Não é preciso frisar que todo código de escrever uma língua é arbitrário. Portanto, tanto a grafia unificada quanto a nova proposta, sob o convênio da UNICEF/ARCA/UNEMAT, são objetivamente válidas, desde que coerentes em si. O que, porém, deve-se questionar, é se um povo, unido com muito esforço durante vinte anos por uma

escrita unificada, deva ser novamente dividido por um sistema diferente de grafia da própria língua.

A apresentação de Presotti por uma “*Proposta de Currículo Dinâmico*”¹⁸ merece nosso reconhecimento irrestrito, mais ainda por esta proposta ser apresentada com sólida argumentação teórica. Uma aproximação mais prolongada aos parâmetros culturais típicos dos Xavante fará deslanchar um processo relevante por uma escola dentro e a partir de sua imponente educação tribal.

Convidaria o grupo dos abnegados pesquisadores para unir seus esforços para lutarmos pela unidade de um mesmo povo, garantindo a unidade de seu sistema gráfico e, como há campo aberto para tantos outros pesquisadores, produzir novos materiais didáticos cada vez mais adequados às escolas indígenas. Lutamos pela sobrevivência de um povo, tantas vezes ameaçada no passado por tentativas de divisão interna.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. O sistema unificado de escrever a língua Xavante é praticado nas escolas das A.I. Mal. Rondon, Sangradouro, São Marcos, Parabubure, Areões e na aldeia Água Branca da A.I. Pimentel Barbosa, somando um total de 81 (oitenta e uma) aldeias, com uma população de 9.500 indígenas aproximadamente. Em Sangradouro, 42 professores Xavante

¹⁸ Ibidem, p. 213.

concluíram o 2º Grau Magistério, praticando este sistema. Os 63 cursistas do Projeto Tucum - Pólo II, em Água Boa, elaboraram seus trabalhos em língua Xavante, na etapa intermediária, neste sistema, fazendo exceção apenas um cursista. Os alunos de São Marcos, que no ano vindouro iniciam o curso de Magistério, praticam o mesmo sistema.

2. Apesar de terem passado vinte anos, nota-se no entanto que, sobretudo os que tinham sido alfabetizados no antigo sistema, seja qual for o lado em que se encontram, não assumiram satisfatoriamente o sistema unificado, pois lhes faltou oportunidade de serem iniciados nesse novo sistema comum. Isto já era previsto então, pois Joan Hall, em suas observações e sugestões, propôs um programa de esclarecimentos gerais sobre a nova grafia unificada¹⁹. Como isso, por diversas razões, não se concretizou, constatamos hoje que os recém-alfabetizados assumem o novo sistema com tranqüilidade, enquanto que os mais antigos se esforçam por praticá-lo. A isso se deve acrescentar que o SIL, por razões alheias à sua vontade, ficou afastado das áreas Xavante, injustamente, o que dificultou a divulgação da escrita unificada nas regiões do PIN Culuene e de Mal. Rondon.

3. Ampla literatura, em língua Xavante, foi produzida pelo SIL e pela MSMT-UCDB, sobretudo de ordem didática para as escolas Xavante, tendo o sistema unificado como norma de produzir textos. Estes textos estão amplamente divulgados e oferecem fácil leitura aos interessados Xavante.

4. Aqueles Xavante, que foram alfabetizados antes de 1976, em geral têm dificuldade de adequar-se ao sistema unificado, como acima já foi afirmado. Igualmente, a maioria dos que foram alfabetizados em

¹⁹ Cf. Joan HALL, *Observações e Sugestões sobre a Grafia Xavante em Relação às Comunidades Xavante do PIN Culuene em julho 1988/1994*, p. 01-02.

português têm dificuldades ao escrever a própria língua, devido a algumas peculiaridades do sistema gráfico da língua Xavante.

5. Neste contexto, os textos produzidos pelos cursistas do Projeto Tucum do Pólo II, na etapa intermediária, apresentam em geral duas dificuldades:

- alguma dificuldade que resulta da assimilação incompleta das normas;
- diversas dificuldades que resultam da falta de conhecimentos gramaticais básicos da língua, pelo que há separações e uniões indevidas na identificação de palavras.

6. É evidente que as atuais normas são convencionais, e como tais foram prescritas como oficiais para escrever a língua Xavante. Para esse trabalho, como já foi dito acima, participaram Xavante e lingüistas, cabendo aos Xavante o direito de escolher e negociar as decisões. Qualquer modificação que altere as normas existentes deve ser decidida pela mesma instância: a saber, a participação ampla com representantes das A.I., em que os próprios Xavante terão evidentemente muito mais condições de decisão do que há vinte anos. Tal decisão deve igualmente ser homologada pela FUNAI, para tornar-se normativa para todos.

7. A prática do atual sistema apresenta um conjunto de normas de fácil assimilação, coerência no seu conjunto, superando problemas como ambigüidades típicas, por exemplo, da escrita da língua portuguesa. Não há necessidade para apelar para “exceções”, para justificar alterações. Com 18 letras, incluindo o apóstrofo, e 04 acentos (~, ‘, ^, “) com função exclusivamente fonética é possível escrever corretamente a língua Xavante. Para os Xavante, a leitura

torna-se fácil, o que já não acontece com leitores não-indígenas, por não constarem acentos tônicos, no sistema gráfico atual.

8. Aparecem algumas incertezas quanto ao uso de semi-consoantes, oriundos de conexões, pelo que às vezes os portadores da língua discutem entre “m” e “b”, “b” e “p”. Nisso também influencia certo regionalismo ocasional.

Por exemplo: “*tsi‘umdatō ou tsi‘ubdatō, wa waneb ni ou wa wanem ni*”, etc.

CONCLUSÃO

Com esse estudo quis oferecer, a quantos se aproximam do povo Xavante, a descrição da história de como se produziu e unificou o sistema gráfico da língua Xavante, hoje praticável em qualquer máquina de escrever e computador. Se, durante esta história, pesquisadores tiveram atuação preponderante, hoje em dia, com a escolarização avançada em muitas aldeias, sem falar de um Xavante que já está cursando letras, cabe aos próprios Xavante, em confronto com a língua nacional, afirmar suas peculiaridades, sem pretender submeter a língua indígena aos critérios da língua nacional. Ao mesmo tempo, é preciso garantir a necessária proximidade e distinção, uma vez que a língua portuguesa exerce certo referencial para os alunos que hoje praticam por escrito as duas línguas.